

## ALFABETIZAÇÃO E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NO 1º ANO<sup>1</sup>

Ádila Rodrigues Costa <sup>2</sup>  
Ana Beatriz Carvalho Lima <sup>3</sup>  
Venythyais Costa de Oliveira <sup>4</sup>  
Tânia Serra Azul Machado Bezerra <sup>5</sup>

### RESUMO

Este escrito tem como objetivo a apresentação dos resultados de um projeto desenvolvido no Núcleo de Alfabetização do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), relacionados à alfabetização sob uma perspectiva cultural, pois para além dos métodos tradicionais, reconhecemos que existem diferentes estratégias de alfabetização. No processo de aquisição da leitura e escrita podemos considerar o contexto da turma e a diversidade dos estudantes, resultando em aprendizagens significativas que vão além da decodificação. Para fundamentar nosso trabalho dialogamos com os estudos de Silva e Follador (2025), Axer, Dias e Drummond (2024), Pereira Júnior, Araújo e Frota (2023), Cerdas (2022), Geraldi (2014) Solé (2014), dentre outros que compartilham da concepção da linguagem escrita como uma prática social cotidiana e consideram o protagonismo infantil e a ampliação do seu repertório cultural de leitura e escrita para a consolidação do processo de alfabetização. Os principais resultados desse artigo evidenciam que é possível contribuir para a formação de crianças leitoras e escritoras, a partir do desenvolvimento de práticas baseadas nos multiletramentos a aprendizagem se torna realidade. Em nossas atividades trabalhamos a alfabetização em diversas formas, com contação de histórias, atividades de pinturas, desenhos, fotografias e musicalidade. Um dos destaques foi a visita a um equipamento cultural em nossa cidade, oportunizando o contato com a cultura fora do ambiente escolar. Dessa forma, acreditamos que é possível desenvolver nas crianças o interesse pela cultura escrita ao proporcionar atividades que instiguem a curiosidade e sejam motivadoras na aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Multiletramentos, Cultura, Pibid.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, adila.costa@aluno.uece.br;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, carvalho.beatriz@aluno.uece.br;

<sup>3</sup> Professora Especialista em Alfabetização e Multiletramentos da Prefeitura Municipal de Fortaleza - PMF, venythyais.costa@educacao.fortaleza.ce.gov.br;

<sup>4</sup> Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, tania.azul@uece.br.

<sup>5</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).





## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de experiências vivenciadas no Núcleo de Alfabetização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Ceará, desenvolvido em uma escola pública da Rede Municipal de Fortaleza, no Estado do Ceará, com atuação em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Nossas ações são voltadas para o fortalecimento da leitura e da escrita das crianças, por meio de práticas significativas, conforme Freire (2021), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A partir dessa concepção e com base em uma alfabetização crítica e reflexiva, adotamos a abordagem dos multiletramentos proposta por Rojo (2012), que defende uma pedagogia voltada para promoção de práticas capazes de transformar realidades e valorizar a diversidade linguística e cultural das crianças.

Dessa forma, em nossa turma, objetivamos desenvolver práticas de alfabetização aliadas aos multiletramentos, indo para além dos métodos tradicionais e explorando diferentes estratégias. Entre elas, destacamos: contações e mediações de histórias, oficinas de fotografia, produções de kabuletês e penteados, confecção de mandalas, vivência com cirandas e aquarela, visita à horta da escola com plantação de sementes e passeio para um equipamento cultural da cidade.

Solé (2014, p. 85) afirma que “o ensino inicial da leitura deve garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas da sua aprendizagem”. Em consonância com essa perspectiva, buscamos promover a aproximação das crianças com a cultura letrada, a partir de diferentes linguagens.

Como referencial teórico, nos baseamos em estudos de Silva e Follador (2025), que relatam uma experiência semelhante em uma turma de 1º ano, buscando compreender os benefícios de se trabalhar com múltiplas abordagens na alfabetização. As autoras reforçam que o processo de alfabetizar requer mesclar diferentes metodologias para potencializar o ensino e a aprendizagem. Axer, Dias e Drummond (2024) tratam a alfabetização como cultura, compreendendo-a como uma prática de significação do mundo. Essa visão amplia nossa compreensão sobre o papel da alfabetização, mostrando que ensinar a ler e escrever não



se limita à aprendizagem de um sistema notacional<sup>6</sup>, mas também, a olhar para a realidade. Nessa mesma perspectiva, Pereira Júnior, Araújo e Frota (2023) apresentam em seu estudo as culturas do escrito como práticas sociais, relatando experiências com crianças da pré-escola em uma atividade de culinária, e não com uma proposta escolarizante. Essa abordagem nos leva a compreender que a leitura e a escrita estão presentes nas ações cotidianas e, quando trabalhadas de forma relevante, permitem que as crianças se apropriem mais facilmente.

Cerdas (2022) contribui para essa discussão ao conceber a alfabetização como uma questão de interação social, enfatizando que a linguagem é essencial para a vida em sociedade e que a falta de domínio dessa competência pode levar à marginalização social, corroboramos também com a autora quando ela afirma que a função da escola é ampliar o repertório cultural e literário das crianças. Geraldi (2014), em diálogo com Bakhtin (2003), destaca que os diversos campos da atividade humana estão interligados pela linguagem. O autor reforça a importância do uso social da linguagem e observa que o hábito de leitura influencia diretamente a capacidade de compreender textos e interpretar o mundo.

Nessa perspectiva, Solé (2014) enfatiza que o ensino deve ser permeado pelo entusiasmo, pois é esse envolvimento do educador que desperta o interesse das crianças pela leitura. Acreditamos que alfabetizar vai além do ensino do alfabeto. Pois, queremos que as crianças leiam para além dos livros; construam boas memórias com a leitura e que se tornem leitoras ávidas, capazes de ler o mundo e, acima de tudo, compreendê-lo de forma crítica.

## METODOLOGIA

Este trabalho é de caráter qualitativo, do tipo relato de experiência. A abordagem qualitativa, conforme Minayo (2016), permite compreender os fenômenos sociais a partir da subjetividade, por meio de uma perspectiva que valoriza a cultura, a linguagem e os multiletramentos. Este estudo foi desenvolvido com base nos registros produzidos ao longo das práticas, através de observações participantes, diários de campo, registros fotográficos e materiais produzidos por nós e pelas crianças. A fundamentação teórica dialoga com os estudos de Silva e Follador (2025), Axer, Dias e Drummond (2024), Pereira Júnior, Araújo e

<sup>6</sup> Segundo Arthur Gomes de Moraes (2005), o sistema de escrita alfabética é considerado um sistema notacional, pois se refere a um conjunto de símbolos com regras que relaciona sons da fala às suas representações gráficas na escrita. Disponível em: <https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.





Frota (2023), Cerdas (2022), Geraldi (2014) e Solé (2014), entre outros autores que compreendem a importância cultural no processo de aquisição da leitura e da escrita.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A alfabetização passou por diferentes movimentos em relação aos métodos de alfabetização, Silva e Follador (2025) e Soares (2016) traçam uma linha do tempo, onde o primeiro momento foi marcado pelo método sintético, que tinha uma organização fonográfica das partes para o todo, dentre os quais se destacaram os métodos de soletração, fônico e silábico. No segundo momento o método analítico ganha destaque com práticas que partiam do todo para as menores partes, destacando-se o método global onde o texto era tomado como partida inicial. O terceiro momento foi fundamentado pelo método natural, onde a aprendizagem era compreendida como “processo fisiológico de construção dos sistemas operacionais de leitura, de forma criativa e com estímulos socioambientais específicos, levando em consideração o repertório linguístico do estudante” (Silva; Follador, 2025, p. 3). Por último surge então a Psicogênese da Língua Escrita por Emília Ferreiro, que compreende o aluno como protagonista na construção do conhecimento no processo de aprendizagem da leitura e escrita e o professor atua como mediador, nessa perspectiva surge (ou deveria surgir) a compreensão da aprendizagem significativa, com práticas diferenciadas dos modelos de repetição e memorização.

De acordo com Silva e Follador (2025) a medida que uma nova prática surgia a anterior era considerada obsoleta e logo era descartada. É válido ressaltar que concordamos com as autoras, quando destacam que “os métodos de ensino não funcionam isoladamente, eles são influenciados por diversos fatores, como características pessoais, socioemocionais, classe social, gênero, traços de personalidade, idade, variantes linguísticas e experiências profissionais!” (Silva; Follador, 2025, p. 3). Nesse sentido, compreendemos a alfabetização como um processo complexo que necessita de um ensino sistemático, tendo em vista o contexto e a realidade da turma, em contramão a fórmulas mágicas ou receitas de bolo.

No núcleo de alfabetização do PIBID aprendemos com a *práxis*: teoria, prática e reflexão. Na universidade ao cursar as disciplinas realizamos os estudos sobre as teorias





educacionais, concepções de alfabetização e letramento, na escola campo temos a oportunidade de experienciar a realidade, a cada regência realizamos previamente o planejamento e após a execução nos autoavaliamos, refletindo sobre o que funcionou o que poderia ser aprimorado. Nesse processo vamos desenvolvendo nossa prática e compreendendo as complexidades da docência e as especificidades da alfabetização.

Ao longo do ano buscamos realizar regências a partir de uma perspectiva cultural e com base em diferentes métodos, pois compreendemos que cada um tem seus benefícios, sempre em um movimento reflexivo sobre nossa prática e com a consecução dos objetivos previstos a serem alcançados. Dessa forma compartilhamos da perspectiva cultural sobre alfabetização das autoras Axer, Dias e Drummond (2024, p. 9)

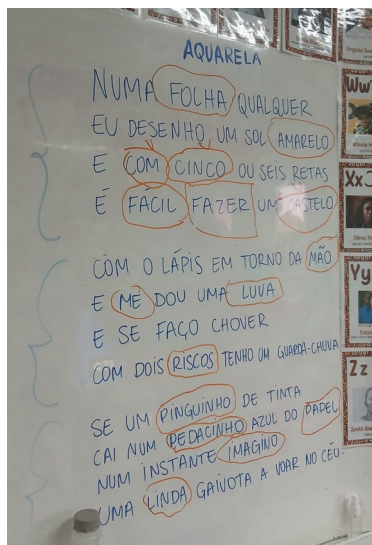
[...] alfabetização como enunciação cultural que nos permite desconfiar das promessas de solução absoluta na resolução dos problemas no campo da alfabetização, que e pautam pela necessidade de definição de um ‘caminho único’ ou ainda de ‘modo único para ensinar e aprender’ a leitura e a escrita em âmbito nacional.

Em nossas ações ao longo do ano trabalhamos com atividades diversificadas, utilizando estratégias variadas, sempre buscando a aquisição da leitura e escrita de forma significativa. Uma das regências foi mediada a partir da música “Aquarela” (Toquinho no Mundo da Criança, 2024), onde após assistirmos o videoclipe na plataforma *Youtube*, as crianças relataram que já conheciam e gostavam da música e por isso pediram para ouvir mais uma vez, após assistirem novamente, trabalhamos a leitura com as primeiras estrofes da canção.

Primeiramente explicamos que todo texto tem uma organização, o primeiro elemento é o título, o texto também é dividido por “pedaços”, que se chamam estrofes e por “linhas”, também conhecidas como versos. Em seguida, escrevemos o começo da música no quadro e convidamos cada criança a participar da atividade. Individualmente solicitamos que encontrassem algumas palavras da seguinte forma: “Na segunda estrofe circule uma palavra que começa com a letra L” “Na terceira estrofe circule uma palavra com a sílaba “PA”, após encontrar a palavra auxiliamos as crianças na sua leitura. Essa etapa possibilitou o reconhecimento de elementos linguísticos e o desenvolvimento da atenção à estrutura das palavras e organização textual.



**Figura 1 - Quadro atividade Aquarela**



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Em continuidade com a atividade após trabalharem a leitura as crianças tiveram a oportunidade de experimentar a pintura com aquarela, técnica nunca antes experienciada e, a princípio, imaginavam que seria semelhante à tinta guache, após as questionarmos e despertarmos a curiosidade, apresentamos na sala as bisnagas de tinta de aquarela, e explicamos que o nome “aquarela” vem justamente do uso da água na pintura, em seguida distribuímos pinguinhos de tinta e um copo com água para cada criança, para que iniciassem a experimentação e realizassem obras de forma livre e criativa. De acordo com Francisco (2016, p. 1193) “é importante que o professor ofereça à criança elementos (pinturas, esculturas, fotos de obras de variados autores) para que assim ela amplie seu repertório cultural e seu aprendizado”. A seguir alguns registros desses momentos:





**Figura 2 - Pintura com Aquarela**



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Além do trabalho com os textos em sua totalidade, foram propostas atividades centradas nas palavras, com o intuito de favorecer a reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da leitura e escrita. Realizamos uma atividade a partir da confecção de kabuletês com materiais recicláveis: papelão, palitos de madeira e tampinhas de garrafa. A proposta teve como objetivo que as crianças conhecessem o instrumento cultural.

Antes de construirmos o instrumento realizamos uma atividade de reconhecimento das sílabas “Ca” de “carro”, “Ka” de “kabuletê” e da letra “K”, que possuem o mesmo som. Nos nomes “Karol” e “Carol”, o som é idêntico, a diferença gráfica encontra-se na primeira letra. Também trabalhamos a identificação da sílaba “CA” no começo, meio e fim das palavras, estruturamos uma atividade envolvendo separação silábica e identificação grafofonêmica.

Considerando as diferenças nos níveis de hipóteses de escrita da turma, a atividade foi adaptada de modo a contemplar tanto as crianças em nível pré-silábico quanto aquelas nos níveis silábico e alfabético. Na Figura 3, observa-se, à esquerda, a versão da atividade com as palavras já escritas, possibilitando que as crianças em nível pré-silábico realizassem a separação e identificação silábica. À direita, apresenta-se a versão sem as palavras, destinada às crianças em níveis mais avançados, que puderam realizar a escrita com autonomia.



**Figura 3 - Atividade sílaba “CA”**

NOME: _____		NOME: _____	
1) QUANTAS SÍLABAS TEM NAS PALAVRAS?		1) QUANTAS SÍLABAS TEM NAS PALAVRAS?	
2) PINTA A SÍLABA “CA”		2) PINTA A SÍLABA “CA”	
	CASA CA SA 2		CASA CA SA 2
	BOCA		
	CAVALO		
	MACACO		
	JACARÉ		
	CAMA		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Desenvolver a consciência fonológica e exercitar a separação silábica são atividades importantes no processo de alfabetização, pois “mostrar os sons das sílabas e das letras é fundamental para que os aprendentes compreendam que a sílaba não é apenas a junção de vogais e consoantes, mas também a combinação das letras, ou seja, dos fonemas” (Silva; Follador, 2025, p. 13-14).

No primeiro momento focamos na escrita de palavras e no reconhecimento sonoro das sílabas “ca” e “ka”, em seguida realizamos a confecção dos kabuletês, cada criança produziu seu próprio instrumento. As crianças não conheciam o kabuletê e mostraram-se interessadas ao serem instigadas sobre o que seria esse objeto e como era escrito. Acreditamos que é possível se apropriar da leitura e escrita de forma prazerosa, principalmente relacionada à cultura. Pois conforme Axer, Dias e Drummond (2024, p. 9),

[...] é preciso ter atenção para não reduzir as experiências de leitura e escrita às letras frias, cruas [...] ler e escrever significam movimentos de inscrição no mundo, produção de sentidos, negociação com aspectos da cultura [...] Desse modo, não nos resta outro caminho que não olhar a alfabetização com cultura também.

Na figura 4, ao lado direito temos uma criança produzindo o seu kabuletê e ao lado esquerdo o resultado das confecções da turma:





**Figura 4 - Kabuletês**



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Dessa forma, as crianças conheceram uma palavra nova, “KABULETÊ” escrita com a sílaba “KA”, que tem o mesmo som de “CA” e “K”, e a turma expandiu seu conhecimento cultural, a partir das produção e experiência com o novo instrumento musical. Nesse sentido, concordamos com as autoras Silva e Follador (2025, p. 20), quando afirma que “para alfabetizar é preciso conhecer, compreender, diferenciar, diversificar, orientar e saber quais vantagens de mescla metodologias, visto que um método pode ser satisfatório para alguns e para outros não.” Dessa forma, compreendemos que elaborar atividades diversificadas e significativas, com mediações individuais e específicas por grupos, contribui para a aprendizagem de cada criança de maneira envolvente e enriquecedora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas no Núcleo de Alfabetização do PIBID possibilitaram observar avanços no desenvolvimento das crianças, tanto em relação ao domínio do sistema de escrita alfabética quanto na ampliação da bagagem cultural. As atividades realizadas ao longo do projeto mostraram que as aprendizagens devem acontecer de forma contextualizada, valorizando as realidades e vivências das crianças, para que sejam significativas.

As atividades com foco na consciência fonológica, como o trabalho com as sílabas “CA” e “KA”, a separação silábica e a identificação grafofonêmica, contribuíram para que





elas reconhecessem as relações entre som e letra e visualizassem a estrutura da escrita. Observamos que as crianças em níveis pré-silábicos começaram a avançar e as silábicas, demonstraram desenvolvimento da escrita. Esses resultados confirmam que uma alfabetização baseada em práticas multiletradas, aliadas ao planejamento intencional favorece o processo da alfabetização.

Consideramos que o trabalho desenvolvido no PIBID reafirma a importância da práxis na formação docente e na efetivação de uma alfabetização crítica. Articulando teoria e prática, pudemos compreender que alfabetizar é muito mais do que ensinar letras, é oferecer oportunidades para que as crianças leiam o mundo e expressem-se de várias formas. Os avanços observados em suas hipóteses de escrita, são evidências de que uma prática pedagógica situada é potencializadora dos saberes.

## REFERÊNCIAS

AXER, Bonnie; DIAS, Jade Juliane; DRUMMOND, Rosalva de Cássia Rita. Alfabetização e cultura: por possibilidades outras de significação dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, p. e93101, 2024. DOI:

<<https://doi.org/10.1590/1984-0411.93101>> Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/er/a/scZmqCRFMgGdkGmwNbJrRtz/?lang=pt>> Acesso em: 13 out. 2025.

CERDAS, Luciene. Alfabetizar é mais que ensinar um código: discurso e autoria no ensino da língua. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e240660, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248240660por>. Acesso em: 13 out. 2025.

FRANCISCO, Kauana Klaumann. Fazendo arte: o papel das artes visuais no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 1190–1204, 2016. DOI: 10.30681/rep.v7i3.9908. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9908>. Acesso em: 14 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2021. Disponível em:

[https://konektacommerce.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/TEXT\\_SAMPLE\\_CONTENT/a-importancia-do-ato-de-ler-157348-1.pdf](https://konektacommerce.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/TEXT_SAMPLE_CONTENT/a-importancia-do-ato-de-ler-157348-1.pdf). Acesso em: 13 out. 2025.

GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bak/a/c9bDRzrtKTpCNhKxktFCjXk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2025.





MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. p. (29-55)

PEREIRA JUNIOR, Leandro da Silva; ARAÚJO, Janice Débora de Alencar Batista; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. As experiências infantis com as culturas do escrito como prática social cotidiana. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p.1-18, set. 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/11535/9839>. Acesso em: 13 out. 2025.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Daiane Di Geórgio da; FOLLADOR, Kellen Jacobsen. Práticas alfabetizadoras para além da polarização dos métodos: reflexões sobre experiências vivenciadas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 21, e283906, 2025. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551283906por>> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/HfQjDqM85Rw9VBvY3pRxxLj/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2025.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

TOQUINHO NO MUNDO DA CRIANÇA. Toquinho no Mundo da Criança - **AQUARELA (OFICIAL HD)**. Youtube, 4 jul. 2024, 5min11seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yno00BeH34k>. Acesso em: 29 set. 2025.

